

OUVIR A VOZ DA MULHER SÁBIA: NARRATIVAS SOBRE NOVOS PARADIGMAS

HEAR THE VOICE OF THE WISE WOMAN: NARRATIVES ABOUT NEW PARADIGMS

Luciana Carlos Celestino¹

Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções (VANDANA SHIVA, Monoculturas da mente, 2003).

RESUMO

O presente artigo trata da contribuição que as narrativas tradicionais oferecem diante de paradigmas em crise e que não mais respondem às demandas sociais, econômicas, ecológicas e espirituais humanas. Priorizam-se as narrativas de mulheres sábias, como um novo olhar para essas questões humanas, levando-se em consideração os avanços da ciência e os impasses globais a que chegou a atual civilização, regida pelo paradigma mecanicista, racional e capitalista. Autores como Edgar Morin, Conceição Almeida, Boaventura de Sousa Santos, Vandana Shiva, entre outros, vêm embasar a discussão, ampliando caminhos e apontando novos paradigmas. Essas histórias devem ser entendidas como pequenas luzes norteadoras advindas do campo da arte, da literatura, do imaginário e do mito, apontando alternativas as quais incluem o diverso e o plural. Se, ao humano, só é possível compreender e falar do mundo a partir do continente que é sua realidade

corpórea, essas histórias falam de um tipo de saber que não exclui as limitações humanas.

Palavras-chave: Narrativas tradicionais. Mulheres sábias. Novos paradigmas. Pluralidade.

ABSTRACT

This article deals with the contribution that traditional narratives offer before paradigms in crisis and that no longer respond to social demands, economic, ecological and human spirit. It gives priority to the wise women of narratives, as a new look at these human issues, taking into account advances in science and global deadlocks reached by the present civilization, governed by mechanistic, rational, capitalist paradigm. Authors such as Edgar Morin, Conceição Almeida, Boaventura de Sousa Santos, Vandana Shiva, among others, come to base the

¹ Mestre e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente, trabalha no Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), em João Pessoa/PB, e ministra aulas em programas de pós-graduação da rede privada na mesma cidade. E-mail: lucianacelestino@gmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4145036665478243>

discussion, widening roads and pointing new paradigms. These stories should be understood as small guiding lights coming from the field of art, literature, imagination and myth, pointing out alternatives that include the diverse and plural. If the human can only understand and speak the world from the continent that is his corporeal reality, these stories speak of a kind of knowledge that does not exclude human limitations.

Keywords: Traditional narratives. Wise women. New paradigms. Plurality.

A VOZ DA MULHER SÁBIA

Todos nós conhecemos alguma história em que a heroína é uma mulher sábia, seja na mitologia, nos contos ou no folclore universal. Essas narrativas de mulheres sábias são uma fonte inesgotável, que permite pensarmos no papel desempenhado pelo feminino, não só no que concerne ao universo simbólico e imagético da vida mas também no que dessa potência psíquica tem a ser reabilitado e aplicado de modo prático na atitude humana. O contato com o universo das mulheres sábias nos leva a reflexões e formulações de analogias entre suas atitudes e saberes (seu saber mágico) e o modo como temos compreendido e atuado junto à natureza, ao planeta e entre nós mesmos. Seus saberes integrados aos ciclos naturais resgatam um momento longínquo em que humano e natureza não se compreendiam em separado, em que as revoluções dos astros eram também humanas, as estações e os fenômenos climáticos eram lidos e determinantes para a sobrevivência,

enfim que havia diálogo entre o humano e o cosmos.

A voz da mulher sábia, que fala por meio das heroínas míticas, parece aguardar as mudanças, a insurgência de um novo modelo de humanidade e de conhecimento. Esse novo modelo há de vir em decorrência da crise do paradigma humano e científico moderno, no qual impera o determinismo mecanicista, a industrialização da natureza, a especialização reducionista, corroborados por uma racionalidade rígida. Essa crise, segundo Santos (1993), é o resultado do grande avanço no conhecimento, proporcionado pela identificação dos limites e das insuficiências estruturais dentro do próprio paradigma científico moderno.

A crise surge, portanto, de uma série de descobertas científicas que descortinam o caráter indomável da natureza para os cientistas herdeiros daqueles que se acreditavam senhores dos segredos da natureza, certos de terem levantado o último dos véus. Para Santos (1993), quatro entre tantas são as condições que levaram à crise do paradigma dominante da ciência moderna, ainda em curso: a teoria da relatividade de Einstein, a qual fez cair por terra o tempo e espaço absolutos de Newton; a mecânica quântica que veio relativizar a interferência humana nos experimentos científicos, colocando em xeque a certeza das descobertas; o teorema da incompletude de Gödel que mostra o quanto o rigor da matemática carece de fundamento; e, por fim, os avanços do conhecimento nas áreas da microfísica, da química e da biologia levaram a uma nova concepção da matéria e da natureza contrária a que herdamos da física clássica, ou seja: “em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo,

a imprevisibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente” (SANTOS, 1993, p. 28).

Almeida (2010) também afirma que, a partir do século XVII, a aceitação de noções tidas como impertinentes significaram um salto para frente, um ganho em complexidade, uma evolução do pensamento.

Categories como incerteza e paradoxo, longe de constituírem perigo ou comprometerem a cientificidade das narrativas sobre a sociedade, a economia, a política, o ecossistema e o processo do conhecimento, são compreendidas como condições de aproximação com a multidimensionalidade dos fenômenos físicos e processos socioculturais (ALMEIDA, 2010, p. 32).

Com isso, observa-se uma lenta, mas crescente reavaliação e revalorização dos saberes tradicionais. A humanidade vive hoje um tempo de transição e já há a percepção de uma reaproximação da ciência e do saber mágico cada vez mais crescente. Devemos entender o saber mágico contido nas narrativas de mulheres sábias como um registro do pensamento e do conhecimento desses “intelectuais da tradição” (ALMEIDA, 2010), que dentro de sua própria realidade basearam-se em seus lunários e prognósticos, em sinais que a natureza dava, para guiarem suas ações no plano concreto. O saber mágico é a clara demonstração da multidimensionalidade humana, embora não seja infalível, pois como ciência está passível de erros e enganos.

Não se trata, assim, de dogmatizar saberes e práticas, nem os compreender como sagrados, posto que são, enquanto

tradição, permeáveis e mutáveis, reformulados e adaptados constantemente. Mais uma vez, nos lembra Almeida (2010, p. 154) que “dessacralizar esses saberes é condição *sine qua non* para reconhecê-los como ciência aberta à crítica, em permanente auto-organização”. A ideia, portanto, não é compreender o saber mágico como sagrado, mesmo as imagens da mulher sábia aparecendo no campo do imaginário como personificações de uma potência psíquica que pode, em algum nível mais profundo, ser compreendida como divina. Trata-se de dois planos: o imaginário, atuando por meio de imagens arquetípicas e símbolos nas histórias; e a compreensão dos saberes presentes nessas narrativas como uma ciência e como saber aplicável na prática. Ciência que parte da própria condição humana e suas contingências, que só possibilita ao ser humano compreender o mundo a partir de si mesmo, de sua experiência corpórea, de si mesmo como microcosmos. A expressão desse saber tem, por essa razão, necessidade intrínseca de metáforas e analogias.

O que importa reter é o fato de como o sujeito do conhecimento é sempre impulsionado por um sentimento e por uma estrutura organizacional da sua psique, quando empreende qualquer investimento cognitivo, mesmo que disso não tenha consciência. As representações que fazemos emergir dos fenômenos, tanto quanto aquelas que nos permitem imputar sentidos ao mundo, estão sempre intoxicadas pelos “humores” bioquímicos das experiências culturais vividas (ALMEIDA, 2002, p. 48).

Então, ao ler as histórias de heroínas sábias, realmente conhecidas e populares,

pelo prisma do detalhe, pela iconografia e pela percepção da transgressão e do desvio, percebemos que nelas existe um movimento constante em direção a uma perturbação sub-reptícia da aparente “normalidade”, ordem e divisão dos papéis sexuais e sociais. A atuação das mulheres sábias nas narrativas opera uma ruptura, promove, acelera e catalisa uma transmutação psíquica, ofertada delicadamente como um bálsamo. O fator excluído – a mulher e o feminino – é aqui desvelador e desencadeador de mudanças que podem dar-se para além da percepção consciente.

COMPLEXUS: TECER JUNTO SABER MÁGICO E CIÊNCIA MODERNA

A transmutação psíquica promovida por essas mulheres sábias pode levar a uma forma de pensar o mundo, de fazer ciência, ainda partindo do microcosmo humano e de um humano mais integrado. O processo de individuação pode ser um caminho viável em direção à pluralização do ser humano e uma atitude cognoscente que conjugue o saber mágico e o saber científico com diálogo e aproximação. Que permita a tecitura em conjunto dos saberes tradicionais e científicos, base do pensamento complexo, sendo a palavra *complexus* “aquilo que é tecido em conjunto”. Isso implica, sobretudo, uma nova postura política, uma repolitização do pensamento, como afirma Edgar de Assis Carvalho (2008a, p. 159):

Repolitizar implica religar, civilizar ideias, rejuntar noologias insurgentes

fundamentadas no desenvolvimento sustentável, desencadeadoras de formas de solidariedade e responsabilidade. Se conseguirem firmar-se no cenário planetário, certamente coibirão as tendências bestializadas do pensamento único, neoliberal, que instalou o fundamentalismo do mercado em todas as ações humanas.

Portanto, as narrativas de mulheres sábias podem ser tomadas como alternativas, por suas atitudes e visões de mundo, para pensarmos uma reformulação possível, em que o feminino e sua maior representação, a natureza – deusa ou simples casa, anima e alma, princípio ou potência psíquica – possa ser compreendida, sentida e vivida mais próxima e conscientemente. Desde sempre, sua presença essencial nessas narrativas – como imagens arquetípicas – aponta para a inseparabilidade humano/natureza. E faz sua parte, como arte, na conscientização da reforma do pensamento, como a define Carvalho (2008a, p. 161): “a reforma radical do pensamento contém um projeto biopolítico que nega o paradigma do progresso unidimensional e instaura o paradigma da preservação, ecológico, ecocêntrico”. Portanto, já velho modelo conhecido das nossas ancestrais neolíticas.

O paradigma ecológico, ecocêntrico, cooperativo é aquele em que o humano e a natureza sejam compreendidos como coexistentes, que inclua o projeto de um humano que conjugue bem suas polaridades de masculino e feminino. Ou, como disse Fritjof Capra (2001, p. 25):

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também

ser denominado visão ecológica, se o termo 'ecológica' for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).

As narrativas de mulheres sábias falam delas mesmas, dos mitos e da arte, enquanto realidades complexas e primordiais da criação que podem, de fato, estabelecer ligações com o mundo e com a realidade que chamamos objetiva, mas pela via do poético. Isso porque as produções do imaginário são sempre inauguradas e inaugurantes, assim, só fazem sentido ao dialogarem com o real, interagindo com ele e constituindo-se daí em conhecimento novo. É plausível afirmar que todas as invenções e as descobertas foram gestadas antes no imaginário. No grande tecido, rede ou teia em que se tecem os saberes, todos os fios, todas as tramas e, acima de tudo, todos os desenhos são frutos da imaginação criadora de que nos fala Bachelard (2006), por meio da qual o humano demiurgo é instaurador de novas realidades, que o tornam, de modo dinâmico, capaz de produzir tanto ciência quanto arte. Para Bachelard, a imaginação criadora une os dois mundos, as duas vias para o conhecimento: a científica e a poética. Então, estaria num novo modelo de relação com o feminino um dos caminhos para o novo paradigma? Acreditamos que sim². E, talvez, por isso, as deusas gregas do destino, as Moiras, sejam nada menos que fiandeiras.

A verdade é que os mitos e as narrativas são uma linguagem diferente da que se estabeleceu como legítima com o advento da ciência moderna. Esta, enquanto linguagem comum, aglomera positividade ao permitir que as teorias sejam discutidas, reavaliadas de modo amplo, entretanto, correm o risco eminente de cair numa universalização redutora ou numa generalização equivocada. Uma linguagem universal pode descambar em modelos únicos de normalidade, como ocorreu com o estatuto da loucura, tida como uma doença, uma anormalidade, já que se definia o humano como ser da razão unicamente, como apontou Foucault ([19--] apud MACHADO, 1982), quando, de fato, nós somos tanto *Sapiens* como *demens* e em decorrência dessa potencialidade para a criação é que se promovem as mudanças. “Isso significa que os processos da complexidade se fazem ao mesmo tempo, apesar, com e por causa da loucura humana” (MORIN, 2003, p. 60).

As imagens e as ilustrações das heroínas sábias na literatura popular, nos mitos, no vasto imaginário de exemplos deixam claro, no entanto, que a universalidade dos dramas e dos ideais humanos não deve ser entendida como generalização. Universalidade não implica universalização ou generalização. Enquanto arquétipos, essas imagens literárias e míticas são universais humanos que se atualizam e se mantêm vivos. O arquétipo da mulher sábia pode muito bem mostrar-se atuante na psique sadia de homens e mulheres, ao mesmo tempo que atuam as imagens do herói, arquétipo tão recorrente no imaginário.

O arquétipo do estrangeiro ou da *dona de fora* (HENNINGSEN, 1990) – como

² Silveira (1981) aponta o poder do feminino presente na Virgem Maria como uma tendência da psique para o quaternário.

o cavaleiro/herói andante Parcival, Dom Quixote ou Ulisses, ou a dama/peregrina do cordel *História da Donzela Teodora*, que como escrava deixa sempre a dúvida de sua permanência ou origem, ou do outro cordel *História da Imperatriz Porcina*, que se tornou peregrina em sua jornada mítica – deve ser ampliado, pluralizado. Que não haja fronteiras, que seja o caminhante humano, nômade que constrói o caminho ao caminhar, como nos lembra Morin no livro “Meus demônios”, ao falar de sua própria trajetória. Enquanto Carvalho (2010, p. 164) reafirma uma revolta comandada por jardineiros do planeta Gaia, força psíquica e espiritual capaz de repor a cena primordial da uniduidade planetária que é a de ser nômade:

Bruce Chatwin, obcecado pelo nomadismo e pelos mitos aborígenes da Austrália Central, repôs essa neoutopia que os caminhantes trazem consigo afirmando que todos os Grandes Mestres pregaram que o Homem, originalmente, era um “errante pelo deserto sêco e árido deste mundo” (palavras do Grande Inquisidor de Dostoiévski) e que, para redescobrir sua humanidade era preciso despojar-se das amarras e tomar a estrada.

Reconexão com Gaia, deusa terra, natureza, como potência psíquica capaz de fazer rejuntar saberes humanos, em unidade e multiplicidade, eis o que podem fazer emergir, entre outros pontos elencados neste estudo, as narrativas de heroínas sábias que são a própria personificação da natureza, enquanto cosmos interno e externo. Esse fato explica o modo como elas operam o conhecimento, transitando pelos polos empírico/técnico/racional/ e simbólico/mitológico/mágico,

desvelando o caminho que leva aos segredos da natureza, os quais são encerrados em si mesmos, aquilo que o humano só descobre ao entrar em contato. Talvez por isso Lévi-Strauss (1976) tenha escolhido o termo “sensível” para falar sobre esse modo de saber.

Não se trata, com isso, de compreender o humano apenas como parte da natureza, como ser natural, nem tão pouco basta opor-se à ideia que define a humanidade pelo que a exclui da natureza. Como afirma Morin (2003, p. 26): “Um e outro paradigmas impedem que se conceba a *uniduidade* (natural ↔ cultural, cerebral ↔ psíquica) da realidade humana e impedem, igualmente, que se conceba a relação ao mesmo tempo de implicação e de separação entre o homem e a natureza”.

Trata-se, afinal, da queda do paradigma cartesiano que separa o sujeito e o objeto, que concebe como disjuntos alma/corpo, qualidade/quantidade, sentimento/razão, liberdade/determinismo, natureza/cultura, feminino/masculino. São sentidas ainda hoje as consequências da separação feminino/ciência, sensibilidade/masculino. As narrativas tradicionais de mulheres sábias talvez apontem alternativas em direção ao novo, ao vir a ser, viver e pensar humano que se avizinha, quando trazem personagens femininas atuando ricamente na mudança dessa mentalidade.

Com suas simbologias e cosmologias poéticas, as narrativas da mulher sábia lembram a necessidade humana de expressar na arte, nas produções do imaginário, suas questões fundamentais. Essa forma de manifestar e viver o mundo não se restringe ao universo da racionalidade e da técnica, pois o ser humano é *ludens* e *demens*, além de *sapiens*, ou seja, precisa

do jogo, do divertimento e da poesia, tanto quanto do trabalho, da prosa e da técnica.

As atividades de jogo, de festas, de ritos não são apenas pausas antes de retomar a vida prática ou o trabalho; as crenças nos deuses e nas ideias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições: possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas; referem-se ao ser humano em sua natureza (MORIN, 2003, p. 59).

Portanto, o paradigma em construção não exclui ou separa nenhuma forma de produção humana, considerando que há relação clara ou subterrânea entre a psique, a afetividade, a magia, o mito, a religião (MORIN, 2003). Esse novo paradigma não foi ainda vislumbrado por completo, mas, certamente, só será possível quando a mudança, a transmutação psíquica, for completa. Quando todas as vozes que antes atuavam nas margens, nos interstícios da cultura, possam se pronunciar e como tal tenham a oportunidade de coatuarem na construção desse humano mais completo e, por conseguinte, de uma ciência mais aberta, que dialogue com a poesia. Morin (2003, p. 26) prevê que “somente o paradigma complexo de implicação/distinção/conjunção permitirá tal concepção, mas este ainda não está inscrito na cultura científica”.

É possível crer que as narrativas tradicionais, assim como a arte em seus múltiplos aspectos, sejam uma das chaves cruciais nesse processo de mudança em que nos encontramos. Se somos, enquanto humanos, os únicos animais “conscientes que somos conscientes” (CAPRA, 2001), resta-nos que sejamos mais que conscientes, que sejamos atentos ao parasitismo do

mito, das crenças e ideias, da noosfera em nós e de nós nela (MORIN, 2003)³. Façamos da noosfera algo mais que só uma percepção, que seja um atributo de mudança no jogo, que as ideias sejam servidas como um bálsamo e não como uma imposição rígida. Uma das formas, das ações, que já se consolidam é aquela em que se passa a compreender a importância da diversidade de culturas em contraponto a um conhecimento marcado por um discurso generalizador, por uma linguagem unitária e universal que só leva ao empobrecimento do sujeito e da vida.

Para o presente momento de transição, admitir que caminhamos para um confronto com nosso modelo de conhecimento é já um importante passo na direção do paradigma emergente, apontado por Santos (1993). O arquétipo da mulher sábia, que encontra congruência feliz com o arquétipo da mulher selvagem (ESTÉS, 1997), pode ser entendido como um alerta para o modelo de humanidade em vigor. Sua presença desconstrói a unilateralidade que ideologicamente parasita o real, ou seja, o domínio da razão sobre a emoção, o distanciamento de tudo que é natural ou selvagem, o medo do outro, o temor do caos e da incerteza. Decorrem dessa mutilação no pensamento o preconceito, a generalização, a universalização, a massificação e a implantação de monoculturas da mente (SHIVA, 2003) que empobrecem e limitam a diversidade humana, relegando ao esquecimento saberes tradicionais milenares e outras formas de ver e ser no mundo.

As monoculturas ocupam primeiro a mente e depois são transferidas para o solo. As monoculturas mentais geram

³ Para Morin, noosfera diz respeito ao “mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, ideias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura” (2002, p. 53). Assim, mitos e ideias originam-se em nossas mentes e ganham consistência e poder, “não somos apenas possuidores de ideias, somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia” (2002, p. 54).

modelos de produção que destroem a diversidade e legitimam a destruição como progresso, crescimento e melhoria (SHIVA, 2003, p. 17).

Os modelos de produção destrutivos, apontados por Shiva, que uniformizam as culturas e fazem desaparecer os saberes locais, geram do mesmo modo uma crescente subtração dos valores inerentes ao saber mágico. Ao invés da cooperação, da conexão e da troca, a concorrência, a destruição e o poder. No lugar da riqueza da diversidade, a uniformização de valores e condutas, o que culmina na concepção equivocada de que não existem outros modos de ser e viver, de que não existem alternativas. Shiva (2003, p. 24) faz uma importante observação ao afirmar que os sistemas de saber considerados mais abertos é que estão fechados ao exame e à avaliação, enquanto “a ciência ocidental moderna não deve ser avaliada, deve ser simplesmente aceita”.

Nessa perspectiva, a ideia da natureza como uma deusa que vela seu conhecimento ou como um livro em linguagem própria encontra-se completamente atual e importante. Essa poderosa metáfora está ainda mais viva e diz muito sobre quanto falta ao humano a capacidade de compreender e lidar com o múltiplo, o plural e o diverso sem, no entanto, desconsiderar o que nos une, o que nos faz semelhantes na diversidade, pois não há fórmula única que possa aglomerar, fundir ou traduzir a diversidade ambiental, cultural e cognitiva existentes neste planeta. Correspondem a elos de uma grande cadeia, teia, tecido, campo mórfico, como o define Abraham, McKenna e Sheldrake (1994) e Capra (2001), de modo que o modelo de “leitura” está equivocado

ou, pelo menos, cocho, deformado. Nesse sentido, “a linearidade fragmentada do saber dominante rompe as integrações entre os sistemas” (SHIVA, 2003, p. 25).

O humano, por sua própria estrutura, é excluído do saber contemporâneo, ou seja, este não é democrático, acessível e nem concreto. A democratização do saber é condição urgente para a liberação humana e acredito que o registro das narrativas possa dar uma contribuição significativa nesse processo. Estão lá, mesclados, modificados, adaptados, mas presentes, os saberes de um universo que sobrevive às mutilações unificadoras do mundo globalizado. As heroínas sábias sempre existirão, mas é preciso guardar os rastros encontrados do saber mágico nas narrativas tradicionais, pois ele contém alguns dos importantes valores do que Shiva (2003, p. 81) denomina de “saber subjugado”, e que é a insurreição desse que trará a democratização do saber.

Desse modo, mesmo as narrativas de mulheres sábias não possuindo o poder de apontar alternativas definitivas em direção ao paradigma emergente – estando este mesmo ainda em construção – essas histórias devem ser entendidas como pequenas luzes norteadoras advindas do campo da arte, da literatura, do imaginário, de caminhos possíveis, estradas pelas quais o novo modelo de conhecimento humano deverá passar, caso se proponha a ser diverso e plural. Se, ao humano, só é possível compreender e falar do mundo a partir do continente que é sua realidade corpórea, essas histórias falam de um tipo de saber que não exclui as limitações humanas. Falam de nossas fragilidades emocionais, físicas e intelectuais. Tocam as fissuras que existem nos valores, nas

condutas, nas relações, trazendo à tona processos subjacentes os quais abalam a quietude e a certeza supostamente existente na ciência moderna.

Resta-nos, portanto, ler e ouvir com mais atenção o que diz a mulher sábia personificada em tantas heroínas e seus dramas. E, ao ouvir as instruções, que empreendamos com mais vigor e paixão um permanente diálogo com a natureza, tecendo junto, com todos os fios das ciências várias, reconciliando os polos feminino e masculino da psique, colocando-nos em posição de abertura e recepção para novos modelos e modos de ver, sentir e compreender o mundo. E o véu que encobre a deusa não será mais nem um problema nem um objetivo, mas apenas um fato, aquele que implica na experiência de apercebermo-nos inseparáveis da natureza, de que assim nós mesmos somos parte do mistério que nos envolve e define como humanos.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Ralph; McKENNA, Terence; SHELDRAKE, Rupert. **Caos, criatividade e o retorno do sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente**. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1994.

ALIC, Margaret. **El legado de Hipatia: historia de las mujeres em la ciencia desde la Antigüedad hasta fines del siglo XIX**. Madrid: Siglo XIX editores, 2005.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Borboletas, homens e rãs. **Margem**: revista da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 15, p. 41- 56, jun. 2002.

_____. Claude Lévi-Strauss e três lições de uma ciência primeira. **Cronos**. Dossiê Narradores do sensível – Lévi-Strauss e Merleau Ponty, 100 anos, v. 9, n. 2, jul./dez. 2008.

_____. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência).

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton R. Eichenberg. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARVALHO, Edgar de Assis. Ética complexa e democracia política. **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal: EDUFRN, v. 9, n. 1, p. 157-166, jan./jun., 2008a.

_____. A paixão pelo entendimento: Claude Lévi-Strauss e a universalidade da cultura. **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal: EDUFRN, v. 9, n. 2, p. 301-314, jul./dez., 2008b.

_____. **Devaneios de um caminhante complexo**. Disponível em: <<http://www.iecomplex.com.br/uploads/Devaneiosempagdaweb.htm>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Trad. Waldéa Barcellos. 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Beata Neves. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Gaston Bachelard: ciência e poesia no embate homem mundo. In: SANT'ANNA, Catarina (Org.). **Para ler Gaston Bachelard**: ciência e arte. Salvador: EDUFBA, 2010.

HADOT, Pierre. **O véu de Ísis**: ensaio sobre a história da idéia de natureza. Trad. Mariana Sérvulo. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HENNINGSEN, Gustav. The ladies from Outside: an archaic pattern of the witch's sabbath. In: HENNINGSEN, Gustav; ANKARLOO, Bengt (Eds.). **Early modern European witchcraft**: Centres and Peripheries. Oxford: Clarendon, 1990.

HILLMAN, James. **Anima**: anatomia de uma noção personalizada. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy e Dora M. R. Ferreira da Silva. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

KOSS, Monikavon. **Feminino + Masculino:** uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. (Coleção ensaios transversais).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

MACHADO, Regina. **O violino cigano e outros contos de mulheres sábias.** Compilação e reescrita Regina Machado; ilustrações de Joubert. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber:** a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido:** a natureza humana. Trad. Hermano Neves. Portugal: Publicações Europa-América, 1973.

_____. **O método III.** O conhecimento do conhecimento. Portugal: Publicações Europa-América, 1986.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Trad. Dulce Matos. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasil, DF: UNESCO, 2003.

PELT, Jean-Marie. **As linguagens secretas da natureza:** a comunicação nos animais e nas plantas. Trad. Maria Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 1993.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.